

SUPREMO CONSELHO

DOS GGR. .EESC. . 4º A 33º

PARA O BRASIL

R I T U A L

D O

GRAU 14

PERFEITO E SUBLIME MAÇOM



Rua São Joaquim, 457

SÃO PAULO - SP.

SUPREMO CONSELHO
DOS GGR. .EESC. . 40 A 330
PARA O BRASIL

R I T U A L
D O

GRAU 14
PERFEITO E SUBLIME MAÇOM



Rua São Joaquim, 457

SÃO PAULO - SP.

Melhiado
T. V. P.

Grau 14.º

DECORAÇÃO DO TEMPLO

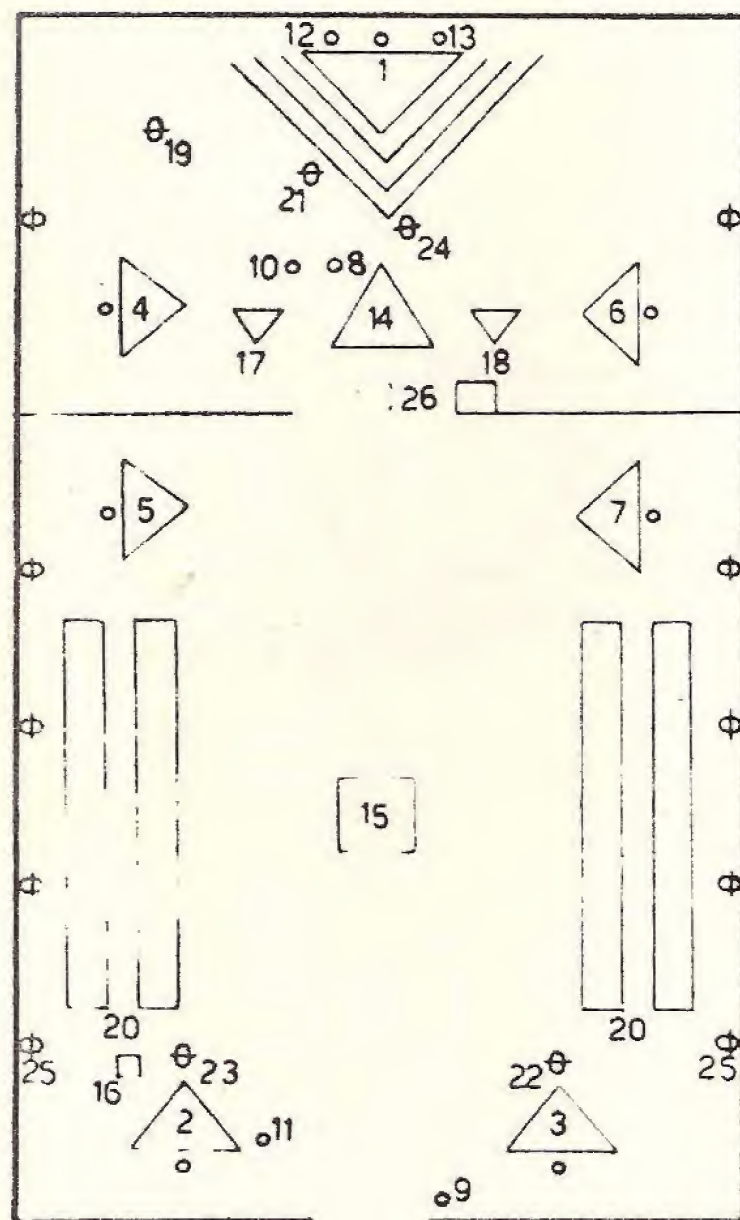
O Templo, denominado **ABÓBADA SECRETA**, representa um compartimento subterrâneo formando um cubo perfeito. A decoração é em carmezim, donde proveio o nome de **Maçonaria Encarnada**, dado, antigamente, aos Graus Inefáveis. De intervalo a intervalo, Colunas brancas, junto às paredes do Templo.

No Oriente, ao ângulo direito, fica o **Candelabro Místico**, representando o Sól e os sete Planetas, como entendiam os antigos.

No Trono, duas cadeiras, uma para o Presidente e outra para Hiram. Suspensos à frente do dossel dois Triângulos entrelaçados sendo um branco e o outro preto, sobre fundo carmezim.

Em frente ao Altar do Secretário, uma tripode branca, sobre a qual ficará uma urna de prata, contendo perfumes e, nas sessões de iniciação, mais as jóias destinadas aos Neófitos. Em frente ao Al-

CÂMARA DO GR.:14



LEGENDA

- 1 — T: V: P.: (Salomão)
- 2 — 1.º VIG: (Adoniram)
- 3 — 2.º VIG: (Moabom)
- 4 — Secr: (Joabem)
- 5 — Orad.: (Abdamon)
- 6 — Tes: (Jabulum)
- 7 — Hosp:.
- 8 — MCC: (Stolkin)
- 9 — Obr: (Zerbal)
- 10 — 1.º Exp:.
- 11 — 2.º Exp:.
- 12 — Hiram
- 13 — Chanc: (Galaad)
- 14 — Alt: dos juramentos
- 15 — Mesa do centro com pentatêuco, CCons:., triâng: de ouro e as 2 eesp:.
- 16 — Mar de bronze
- 17 — Alt: dos perfumes
- 18 — Mesa com 12 pães e taça de mistura — trôlha
- 19 — Candelabro de 7 velas
- 20 — Assentos dos OObr:.
- 21 — Castiçal de 3 velas
- 22 — Castiçal de 5 velas
- 23 — Castiçal de 7 velas
- 24 — Castiçal de 9 velas
- 25 — Colunas brancas
- 26 — Alt: dos sacrif:.

tar do Tesoureiro, a mesa dos Pães de Proposição, onde estarão 12 Pães, sal e uma taça com vinho.

No centro do Templo, uma mesa quadrada, coberta de pano branco com franjas douradas, sobre a qual estarão um rôlo de pergaminho, as Grandes Constituições, os Estatutos e Regulamentos Gerais, um Triângulo equilátero, um Esquadro, um Compasso e duas Espadas cruzadas, com as pontas para o Oriente. Em frente e um pouco à esquerda do Altar do 1.º Vigilante, uma pequena Coluna com um vaso de bronze contendo água.

A iluminação principal é feita por 3, 5, 7 e 9 luzes assim distribuídas: em frente de Hiram, 3 luzes, formando um triângulo equilátero; no Altar do 2.º Vigilante, cinco luzes formando um quadrado com uma das luzes no centro; no Altar do 1.º Vigilante sete luzes, formando um quadrado inscrito em um triângulo, defronte do Presidente, nove luzes, formando três triângulos concêntricos. Defronte de Hiram, as luzes são azues; do 2.º Vigilante, amarelas; do 1.º Vigilante, as do triângulo encarnadas e as do quadrado alaranjadas; do Presidente, duas brancas e uma violeta nos dois triângulos externos e brancas no triângulo central.

OFICIAIS E TÍTULOS

O Presidente tem o tratamento de Três Vêzes Poderoso; os Vigilantes o de Respeitabilíssimos; o Secretário, Tesoureiro, Orador e Hospitaleiro o de Respeitáveis.

INDUMENTÁRIA

O Presidente usa túnica carmezim, com o Colar e a Jóia do Grau. Os demais Membros usam o Avental, o Colar e a Jóia, sendo o traje preto com luvas brancas e espada presa a um cinto cor de laranja.

O Avental é de pelica, orlado de sêda azul, com guirlanda carmezim ao longo da orla. No centro, a Jóia bordada, e, na abêta, um pêso cúbico de pedra.

O Colar é de veludo carmezim, tendo bordados, do lado esquerdo, um ramo de acácia e, do direito, uma estrêla de prata de cinco pontas.

A Jóia é um compasso com uma corôa de ponto sobre um quarto de círculo, em que estão gravados os números 3, 5, 7, 9. Na abertura do compasso ha uma medalha com um sol; do outro lado na medalha há uma estrêla flamígera com a letra G no meio. É suspensa à ponta do colar.

RITUAL DO GRAU 14.º

ABERTURA DOS TRABALHOS

Havendo número legal e preenchidos os lugares:

T.: V: P: — (!) — Ir: 1.º Vigilante, estamos a coberto sob a Abóbada Secreta?

1.º VIG.: — T.: V: P.:, estamos a coberto e em segurança.

T.: V: P: — Quem vos conduziu até aqui?..

1.º VIG.: — Um coração zeloso.

T.: V: P: — Que trazeis convosco?

1.º VIG. O desejo de atingir a Perfeição.
T. V. P. Quais as qualidades necessárias para conseguí-la?
1.º VIG. A Justiça e a Energia.
T. V. P. — O que é uma Loja de Perfeição?
1.º VIG. Uma oficina em que os Ilr: se auxiliam mutuamente para atingir a perfeição.
T. V. P. — Por que motivo o rico e o pobre, o príncipe e o sábio são, aqui, iguais, amigos e irmãos?
1.º VIG. Porque no triângulo inscrito no pedestal como na imensidade do céu, existe um Poder que igualmente os domina.
T. V. P. — Que idade tendes?
1.º VIG. Otenta e um anos, cuja raiz é o quadrado de três, número perfeito. E' por essa razão que as cousas remontam a suas origens.
T. V. P. Que compromissos contraístes como Perfeito e Sublime Maçon?
1.º VIG. Uma aliança eterna.
T. V. P. Que sinal tendes dessa aliança?
1.º VIG. O anél que recebi.
T. V. P. Onde acharemos nossos instrumentos materiais?
1.º VIG. Em nosso coração e em nossa inteligência, se soubermos nos servir do Esquadro e do Compasso.
T. V. P. — Que horas são?
1.º VIG. Meio dia em ponto.

T.: V: P: — Comunicaí, pois, aos Obreiros que vou abrir os nossos trabalhos. E' mistér que eles compreendam os números misteriosos.

(Feito o anúncio) — !!!

2.º VIG: — !!!!!

1.º VIG: — !!!!!!!

T.: V: P: — !!!!!!!!

(Todos se levantam e ficam à ordem. O ORAD.: abre o L: S: em LEVITICO 24;5 e 6)

T.: V: P: — EM NOME E SOB OS AUSPÍCIOS DO SOBERANO SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33.º DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO PELOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL E EM VIRTUDE DOS PODERES DE QUE ME ACHO INVESTIDO, DECLARO ABERTOS DEVIDA E REGULARMENTE OS TRABALHOS, QUE RETOMAM FÔRÇA E VIGOR NO GRAU A mim, meus Ilr: , pelo Juramento (*executa-se*); pela Admiração e pelo Silêncio (*executam-se os dois movimentos*). (!) Sentemo-nos, meus Ilr: (Pausa) Concedo a palavra ao Ir: Secretário para a leitura da Coluna Gravada da última reunião

(Terminada a leitura da Coluna Gravada.)

T.: V: P: — Ilr: 1.º e 2.º VVig: anunciaí aos Ilr: que se quiserem fazer observações sobre

a Coluna Gravada que acaba de ser lida, a palavra será concedida

(Feito o anúncio, se houver observações serão elas dirimidas pelo Presidente. Reinando silêncio:)

T V P — Estando Silenciosas as Regiões, de claro aprovada a Coluna Gravada que foi lida. (Pausa até a assinatura do livro de atas). **Tr:** Secretário decifrai a correspondência

(O Secretário lê o expediente, a que dará o destino ordenado pelo Presidente e os trabalhos continuam em sessão ordinária. Havendo recepção de candidatos, o **T: V: P:** passara aos trabalhos de iniciação.)

INICIAÇÃO

T V P — Ir Mestr. de Cer.:, ide verificar se há iniciandos no atrio do Templo e trazei-me a lista dos que aguardam nossa deliberação

O Mestr. de Cer. vai cumprir a ordem; volta trazendo a lista e vai entregá-la ao **T: V: P:.**

T V P — (Depois de verificar a lista.) — Voltar para junto dos Neófitos e dizei-lhes que... da decisão desta Loja de Perfeição.

foram investidos dos Graus 10.º, 11.º, 12.º e 13.º cujas instruções lhes serão, em breve, comunicadas. Preparai-os, de acôrdo com os nossos usos, para que possam ingressar neste Templo.

(O Mestr. de Cer.:, cumprindo a ordem, prepara os Neófitos e trá-los à porta do Templo, onde bate como Cav. do Real Arco.)

G: DO T: — (Ouvindo o bater, entreabre a porta.) — Que desejais?

MESTR. DE CER.: — Conduzo CCav. do Real Arco que aspiram a perfeição e solicitam trabalhar sob a Abóbada Secreta.

G: DO T: — **T: V: P:.**, é o Mestr. de Cer.: que conduz a este Templo CCav. do Real Arco que desejam compartilhar de nossos trabalhos.

T: V: P: — Seja-lhes franqueado o ingresso.

1.º EXP: — (Colocando a espada sobre o peito de um dos candidatos) — Quem sois? Que desejais?

NEÓFITO — Cav. do Real Arco. Ando à procura.

T: V: P: — Permitti Ir: 1.º Experto, que os Neófitos se aproximem do Oriente (Pausa até a chegada dos Neófitos.) — Meus Irm. o Grau que ides receber é o derradeiro da Maçonaria primitiva, o último dos chamados INEFAVEIS, aquêle que põe termo ao Simbolismo fundado

na Lenda de Hiram e da construção do primeiro Templo. Os Graus anteriores e as funções a eles inerentes, entre os Maçons Construtores, faziam com que a escala da Perfeição só pudessem ser atingida depois de uma longa prática da vida maçônica. Era mister que se fizessem várias votações, comprovando a estima dos Irmãos e o valor do candidato. Hoje são bem menores essas dificuldades, por isso que a situação social e os costumes mudaram. A liberdade, que era, outrora o principal objeto dos esforços da Maçonaria, esta, hoje, consagrada, em quase todo o Universo, por meio de Constituições políticas e da opinião pública. Resultou, desta conquista político-social, suporem alguns Maçons terminado o papel da Maçonaria. E, entretanto, a tarefa maçônica é a mesma de sempre: corresponde às mesmas necessidades da Humanidade. Suas aspirações são as mesmas de sempre. Ela é, sempre o mesmo maravilhoso instrumento imaginado para impulsionar, com segurança e regularidade, a evolução de cada época da história humana. Há Maçons que compreendem esse trabalho e nele depositam inteira fé. Só esses Maçons devem entrar neste Templo sagrado, em que vos encontrais. Se sois Maçons por curiosidade; se na vida maçônica só buscaste amigos, relações, distrações; se desejais, apenas afirmar vossas convicções liberais, atingistes já vossos propósitos. Não tendes necessidade de iludir-nos e de serdes inconseqüentes convosco, vindo soli-

ciar entrada numa Loja que nenhum proveito material vos pode oferecer.

Interrogai vossa consciência e respondei-me, como deve fazê-lo um homem de bem. A adesão que nos ofereceis é sincera e refletida? Desejais, com lealdade, as qualidades de Perfeito Maçon? Tendes a certeza de merecer esse galardão?

NEÓFITO —

T.: V.: P.: — Conforme nossos costumes, anteriores a 1717, a iniciação em uma loja de Perfeição assemelha-se ao batismo que era praticado na maior parte das escolas filosóficas e nos meios populares, constando ora de simples abluções, ora de batismo pela água, pelo ar e pelo fogo. Era, em toda a parte, um símbolo da renovação da fé ou do pensamento, uma purificação da vontade, uma promessa solene de se consagrar a uma idéia nova. As mais das vezes, esse batismo realizava-se no comêço das iniciações. O Cristianismo, que, por seu sistema de "graça sobrenatural", não necessita do consentimento do catecúmeno, batiza crianças ainda sem consciência. Os maçons, colocando seu batismo no fim dos ensinamentos, quiseram exprimir que só pela vontade do homem instruído se pode fazer a renovação daquilo que constitui a idéia nova. (Pausa).

Meu Irmão, como condição primeira de vossa admissão no grau de Perfeição, tendes de comprovar vossos conhecimentos dos graus anteriores. Esses conhecimentos compreendem

uma parte que se poderá chamar exterior, isto é, os meios de reconhecimento, os símbolos e as alegorias em sua aparência material e outra referente ao ensinamento moral, ao sentido oculto dos símbolos. Vamos, pois, lembrar os fundamentos principais desse ensinamento. (Pausa) — Ir.: Mestr.: de Cer.:, fazei sentar os Neófitos.

(Sentados os Neófitos, o Mestr.: de Cer.: designa um dentre eles para responder, por todos, as perguntas do T.: V.: P.:)

T.: V.: P.: — (Ao Neófito) — Meu Ir.:, sois Maçon?

NEÓFITO — Meus Irs.: como tal me reconhecem.

T.: V.: P.: — Que fizeste, como Aprendiz?

NEÓFITO — Tendo recebido a luz, trabalhei na Pedra Bruta.

T.: V.: P.: — Sois uma parcela da vida universal um germe que apareceu em um ponto do espaço infinito. Vosso ser sofreu inconscientes transformações. Tivestes sensações, depois idéias incoerentes que, mais tarde, se foram tornando precisas. Por fim, vos considerastes capaz de perceber a verdade. Essa, a luz que vistes. A humanidade levou séculos incontáveis, antes de percebê-la. Nós consideramos o estado atual de nossa raça, sem que saibamos se ela está em seu comêço, ou se prestes a alcançar seu fim, e sem conhecermos seus destinos, nem na-

da compreendermos do mundo a que ela pertence. Em seu instinto, o individuo observa, pensa e fala, para, depois, compreender e seguir. Uma idéia é o trabalho sôbre a Pedra Bruta. Os Maçons procuram auxiliar-se mutuamente nesse trabalho, com mais zêlo e melhor método que o comum dos homens. Pretendeis ser um deles, pois bem, dai ao Ir.: Mestr.: de Cer.: os sinais que vos farão reconhecer como tal

(O Mestr.: de Cer.: recebe os sinais e comunica se estão certos.)

T.: V.: P.: — Depois que trabalhastes na Pedra Bruta, que mais fizestes?

NEÓFITO — Fui recebido Companheiro, em uma Loja Perfeita. Vi a letra G; subi os sete degraus do Templo, nêle entrando pela porta do Ocidente; passei por entre as Colunas de bronze sôbre as quais estão as esferas destinadas a guardar os utensílios de trabalho e o tesouro para o pagamento dos operários. Aprendi a utilizar-me do Esquadro, do Nível e da Perpendicular para construir edifícios alinhados sôbre seus alicerces. Trabalhei, então, na Pedra Cúbica.

T.: V.: P.: — O Companheiro não trabalha sômente na Pedra Bruta, na matéria inerte; conhecendo a Geometria, a ordem e o raciocínio, possui aparelhamento científico. Trabalha na Pedra Cúbica, no tijôlo, auxiliando a natureza

em seus empreendimentos. Levanta o Templo. isto é, a Lei Moral, a Lei Social, guiando o pensamento humano à realidade. Compreendendo já por essa forma, a vida humana, que vistes mais?

NEÓFITO — Fui testemunha do assassinato de Hiram, chorei, com meus Irmãos, a Palavra perdida, nossos utensílios quebrados, nossos trabalhos abandonados. Conheci o ponto perfeito da Maçonaria, segredo que conservo e oculto. Passei, então, do Esquadro ao Compasso: fui Mestre.

T: V: P: — Onde escondeis vosso segredo?

NEÓFITO — Dentro do coração.

T: V: P: — Haverá chave para nele entrar?

NEÓFITO — Existe, guardo-a em um cofre de coral que só se abre e fecha com a chave de marfim.

T: V: P: — Vistes a inteligência humana perseguida, ferida e morta. Era a única diretora dos trabalhos; ela só deveria encontrar obstáculos na decifração da natureza e isso já era de si, difícil. Encontrou além desses obstáculos, o vício e o crime dos próprios obreiros. A humanidade trazia, em sua substância, a herança dos irracionais, já no orgulho e na ferocidade, já na ignorância e na covardia. Conhecendo, porém, a idolatria absurda e a escravidão, sabe que todas as formas de tirania oprimem o trabalho e a ciência. (Pausa)

Qual o sinal de Mestre?

NEÓFITO — (Faz o sinal).

T: V: P: — Como chamais este sinal?

NEÓFITO — Sinal de horror, porque indica o horror que invadiu os Mestres ao encontrarem o corpo inanimado de Hiram.

T: V: P: — O horror à tirania e à idolatria é o sinal pelo qual se conhece um Maçon. (Pausa)
— Dai-me a Palavra: S:

NEÓFITO — (Dá a palavra pedida).

T: V: P: — Que significa esta palavra?

NEÓFITO — A carne desprende-se dos ossos.

T: V: P: — Quando a verdade não é o escopo, esgota-se a razão do homem. Quando a inteligência não é mais condutora dos trabalhos, o corpo social decompõe-se como um cadáver. (Pausa).

Quais as qualidades de um Mestre?

NEÓFITO — Sabedoria, Força e Beleza.

T: V: P: — Qual o principal utensílio de trabalho?

NEÓFITO — O Compasso.

T: V: P: — Bastava o Esquadro para trabalhar na Pedra Bruta. Não é, porém, bastante para os destinos do homem. O homem pesquisa o infinito no tempo e no espaço; mede os astros, a lei das cousas, a realidade na imensidade dos céus; conhece a Geometria, ciência soberana chamada divina; sabe as regras da proporcão matemática e, portanto, o uso do Compasso. (Pausa).

Que nome se dá a um Mestre?

NEÓFITO — Gabaon, Mestre Perfeito.

V: P: — A verdade por tôda parte, refugia-se no coração do Maçon. (Pausa) — Como trabalham os Mestres?

NEÓFITO — Na prancheta de desenho.

V: P: — Onde recebem seus salários?

NEÓFITO — Na Câmara do Meio.

V: P: — Por onde viajam os Mestres?

NEÓFITO — Por tôda a superfície da terra.

V: P: — Para quê?

NEÓFITO — Para aprender o que ignoram e espalhar os seus conhecimentos.

V: P: — Se perdesseis de vista um de vossos Irmãos, onde o encontraríeis?

NEÓFITO — Entre o Esquadro e o Compasso, isto é, entre a Sabedoria e a Justiça, das quais jamais, se afasta um bom Mestre.

V: P: — Que fariéis se estivesseis em perigo?

NEÓFITO — (Faz o sinal de socorro).

V: P: — Que significa essa expressão.

NEÓFITO — Depois da morte de Hiram, os Mestres tomaram à sua conta a mãe dêle, considerando-se como seus filhos, por isso que o Mestre considerava como Irmão.

V: P: — A Mãe de Hiram é a nossa Mãe, a Humanidade. (Pausa) São êstes os principais graus dos graus chamados Simbólicos. Pensam muitos Irmãos, que só êstes três graus eram usados pelos Maçons antigos. E' um erro. A Lenda de Hiram não termina no 3.º Grau: continua

em outras iniciações, nas quais só um pequeno núcleo de Mestres é admitido. Seria demasiado longo falar agora, desta questão. A biblioteca maçônica é suficientemente rica em obras sobre o assunto. Estudai, com interesse, o que é relativo a fundação da Grande Loja da Inglaterra em 1717 as discussões que tiveram lugar quando se tratou de suprimir os Graus superiores aos três primeiros: a opposição da Grande Loja de York e o acôrdo final, pelo qual o Grau do Real Arco foi englobado no Rito daquele Potência Macônica. Deveis estudar também a Historia da introdução da Ordem Macônica nos países da Europa e da América, assim como tudo quanto se relaciona com a organização definitiva do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Qualquer Maçon pode permanecer Mestre pois este Grau lhe confere a plenitude da qualidade de Maçon. E' igual a todos os seus Irmãos. Não solicitando graduação superior, obedece a suas preferências pessoais, sem censuras nem embaracos aos que tiverem graus superiores. O que mais importa aos interesses do nosso Rito é que ninguém entre para a Maçonaria atraído pelas fitas e jóias, nem por mera curiosidade mas, sim, para seguir seus ensinamentos, escutar os mais velhos, estudar a tradição, gozar da intimidade de um grupo menos numeroso de amigos. O que nosso Rito deseja é evitar apreciações irrefletidas que,

sempre fazem os Maçons mais jovens e menos experientes (Pausa)

Os graus 4.º ao 14.º, chamados INEFAVEIS, já eram praticados pelos antigos Maçons. Desde a organização do Rito de York ou Moderno, vários graus sofreram modificações mas os Graus Inefaveis permaneceram os mesmos como Simbólicos e se encontram em todos os sistemas ritualísticos (Pausa)

Sois Mestre Secreto?

NEÓFITO — Fui recebido em baixo do loureiro. Meus lábios trazem o timbre do selo do sigilo. Começo o Dever

T. V. P. — É evidente que, com o tempo, entre os Mestres, demasiadamente numerosos, se fez a precisa seleção. Antes de admitir o recém-venho entre os que dirigiam a obra era mister estarem seguros de suas aptidões e de seu caráter. Quantas vezes não nos acontece ainda hoje ao falarmos, confiada e francamente, em matéria filosófica e política, a um grupo de amigos discretos hesitantes que ficamos mesmo em Loja, de afrontar contradicções incômodas e divulgações prejudiciais? Sera por falta, de franqueza, ou de coragem? O homem é o que é preciso é, pois, não julga-lo maior do que na realidade. A sorte dos sonhadores e dos decaídos estéreis é justamente esquecerem-se das realidades, que conduziram ao nada os seus sonhos (Pausa)

— Me a Palavra e o Sinal do Grau 4.º

NEÓFITO — (Cumpre a ordem).

T. V. P. — Sois Mestre Perfeito?

NEÓFITO — Fui recebido junto ao túmulo de Hiram; vi os três círculos que rodeiam o Cubo, sobre as duas Colunas cruzadas; tomei parte nos funerais do Mestre.

T. V. P. — No Grau 5.º, volve-se à lenda simbólica. Os Mestres, impedidos de trabalhar, oprimidos pela tirania e pela cega idolatria das massas, juram defender o bom senso. Lutarão contra o sacerdócio e o despotismo; procurarão haurir forças nas leis eternas das esferas, que dominam e contêm o mundo das sensações, — o Cubo. Vedes a idéia da luta, que começa. Os gemidos sob a opressão não podem durar muito. Ides ver, nos graus seguintes, como o homem sera levado à batalha permanente contra os assassinos da inteligência. (Pausa) Sois Secretário Intimo?

NEÓFITO — Vi o Rei de Tiro entrar no gabinete de Salomão. Ia furioso, porque Salomão, havendo-lhe prometido riquíssimas províncias, só lhe reservara regiões estéreis. Julgando o meu Rei em perigo, quiz velar por sua vida.

T. V. P. — O Grau 6.º é baseado nesse episódio bíblico. O Ritual é consagrado à fidelidade e a dedicação. É um nôvo meio de seleção entre os iniciados, antes de desvendar-lhes o pensamento maçônico. (Pausa)

Sois Preboste e Juiz?

NEÓFITO — Distribui justiça aos operários.

T. V: P: — Sois Intendente dos Edifícios?

NEÓFITO — Fui julgado digno de, com mais quatro companheiros, conduzir os trabalhos.

T. V: P: — Os graus 7.º e 8.º trazem impressos os traços dos primeiros tempos da Maçonaria. E' de notar que os graus de Secretário Intimo, Juiz e Intendente dos trabalhos correspondem precisamente às três ordens de estudos exigidos pela direção das corporações de construtores: a correspondência externa, o regulamento das construções e a técnica dos trabalhos. No governo social, é, também, por estas três ordens de estudos, — conhecimentos das relações exteriores, ciência das leis e das matérias industriais —, que se pode adquirir a aptidão para ajuizar das cousas públicas. (Pausa)

Depois de vos haverdes preparado, dessa maneira, fostes considerado Eleito dos Nove?

NEÓFITO — Uma caverna recebeu-me, uma lâmpada iluminou-me e uma fonte de água cristalina saciou minha sede.

T. V: P: — Que aprendestes nesse Grau?

NEÓFITO — Aprendi a destruir a ignorância, em mim mesmo e nos outros; a ser corajoso com as minhas próprias fraquezas e contra a injustiça alheia.

T. V: P: — A luta começa e o Neófito conhece o que dêle exigimos. Põe-se-lhe na mão um punhal, designando-se o refúgio do assassino de Hiram, e êle vai matá-lo. Devido a êste grau, atribuíram à Maçonaria o propósito de precon-

zar o regicídio. Calúnia insensata! Nada mais antagônico, em todos os tempos, do que os princípios maçônicos e os processos de violência. Se movimentos políticos tiverem, como não se pode negar, princípio em Lojas maçônicas, foram, apenas, incidentes excepcionais, promovidos por aquêles que desconheciam o espírito da Maçonaria.

Sabemos que, neste famoso grau 9.º, aquêle que matou o assassino é condenado por seus Irmãos, e a lição moral decorrente consiste, justamente, em mostrar que as represálias devem ser classificadas entre os crimes inúteis. Para que, pois, vos armaram com um punhal?

NEÓFITO — O punhal é um símbolo, por isso que se trata de ferir a ignorância, e a ignorância só pode ser ferida mortalmente pela ciência, isto é, pelo livro, pela escola, pelo estudo da natureza.

T. V: P: — O opressor da inteligência pode ser atingido pelo punhal?

NEÓFITO — O punhal pode atingir um tirano, mas é raro que, ferindo o tirano, êsse golpe atinja também, a tirania, que conseguirá, sempre, encarnar-se em um sucessor daquele.

T. V: P: — A tirania só se torna possível pela ignorância das massas que a suportam. E' mister, pois, esclarecer o povo. (Pausa)

Vejo, meus Irmãos, que, como Eleito dos Nove, compreendestes, perfeitamente, os ensinamentos morais do Grau 9.º. (Pausa)

Sois, também, Eleito dos XV e Eleito dos XII?

NEÓFITO — Depois da morte do primeiro assassino de Hiram, mandaram-nos perseguir os outros dois. Encontramo-los ocupados em aparelhar pedras. Conduzimo-los à presença de Salomão, que lhes aplicou o justo e merecido castigo. Para recompensar-nos, Salomão criou o Capitulo dos Eleitos dos XV e, mais tarde, o dos Eleitos dos XII. Este foi composto de antigos Mestres perfeitos e experimentados, e, por isso, foram chamados Chefes das Tribus e Principes de Israel.

T V: P — Estes três graus de Eleitos são encontrados nos mais antigos Ritos, no de York e no Moderno da Grande Loja de Inglaterra. Em outros Ritos, oferecem várias subdivisões, ou se agrupam. Em todos, porém, é conservada a idéia de Mestres que, depois do assassinato de Hiram, perseguem seus assassinos. **(Pausa)** Qual é a Lenda do Mestre Arquitecto?

NEÓFITO — Depois da morte dos assassinos de Hiram, os trabalhos do Templo continuaram. Salomão confiou a direção a Adonhiram, filho de Abdá, dando-lhe o título de Grande Arquitecto. Mais tarde, este título estendeu-se a outros Arquitectos e a Principes de Israel.

T V: P — Os Eleitos puderam, finalmente, vencer os obstáculos criados pelos maus instintos dos homens. Conclue-se a obra de libertação. O livre pensamento retoma a tarefa da

construção do Templo. Qual o primeiro meio empregado? A ciência exata.

Demoremos, mais alguns instantes, diante desta lição salutar. O Aprendiz, tendo visto a Luz, atirara-se ao trabalho, cheio de coragem. O Companheiro recebia farto salário. Erguia-se o Templo da Inteligência, quando o crime veio destruir tudo. E, então, que a Humanidade sofre e se lamenta. Levantar-se-a ela, de súbito, como um exército que marcha para o assalto? Esteril utopia! Os impacientes, os exasperados, os sonhadores bem que experimentaram, mas succumbiram. A Maçonaria atua por outra forma.

Depois do crime, a primeira criação é o Mestre Secreto: **DISCRICÃO** e **DEVER**. Quando a Maçonaria reúne um pugilo de homens de bem, ensina-lhes a prática das relações sociais, depois as leis da Justiça e, em seguida, a técnica do governo. Então, somente aquêles que desfecharem os golpes serão os Eleitos, os mais fortes, os mais prudentes. O primeiro criminoso será ferido, pela cólera, por meio de um punhal; os outros perecerão de acôrdo com os arestos de uma Justiça regularmente organizada. Será o triunfo completo da Inteligência? Nôva utopia acreditar em tal! A vitória seria inútil se não fôsse, logo seguida pelo trabalho austero, persistente, sem trêguas, desprezando cálculos.

Mas que trabalho? A ciência exata, a Moral, a politica, a economia social, os direitos do povo, os direitos individuais, tudo está su-

jeito a regras matemáticas, que é mistér compreender e aplicar.

Compreendeis, agora, a soberana grandeza dêste ensinamento? E' o ascendente legítimo, que pertenceu, sempre, e ainda pertence a uma Instituição que sabe dar têmpera aos homens.

Aquêles que, sob a orientação maçônica, escrevesse a história da Humanidade, poderia reclamar o título de grande historiador e grande filósofo. As doutrinas da Maçonaria, iniciadas por construtores práticos e refletidos, foram desenvolvidas, grau a grau, com firme vontade de acertar. Jamais, como em nossos dias, teve a lição do Mestre Arquiteto de ser meditada e compreendida. Se os assassinos de Hiram não foram mortos, seu poder, entretanto, diminuiu muito; estamos chegados aos tempos em que os Eleitos dos XII, isto é, a Justiça regular pronunciará sua sentença. Chegamos, pois, ao momento perigoso do triunfo. Lançando os olhos em tórno, na carta do Universo, não vemos que nações há em que as matemáticas foram postas de lado e não se passou de Eleitos a Arquitectos? Não caíram, por ventura, essas nações na anarquia, na desordem, na decadência? Não possuímos, por ventura, estéréis declamadores políticos, que a multidão aplaude, sem perceber a intriga sob a máscara da dedicação à causa pública? Não temos que nos resguardar, todos os dias, contra concepções insensatas, que levariam à corrupção e à ruína? (Pausa)

Qual é o Grau 13.^o de nosso Rito?

NEÓFITO — E' o Real Arco que foi, também, denominado "Cavaleiro do IX Arco", "Real Arco de Enoch", "Real Arco Escocês" e "Real Arco de Salomão".

T.: V.: P.: — Sois Maçon do Real Arco?

NEÓFITO — Sei o que fui e o que devo ser.

T.: V.: P.: — Onde fostes recebido?

NEÓFITO — Sob a abóbada subterrânea, cavada na rocha. Descobria-a ao explorar as ruínas do antigo Templo. Sôbre a Pedra, li o nome de Deus, o G.: A.: D.: U.:, mas não sei pronunciar-lo.

T.: V.: P.: — Ao espirito do homem deu-se a liberdade. Qual a sua primeira pesquisa? — Deus! Onde se encontra seu Nome? Sôbre a Pedra Cúbica. Acredita-se que o Rito Escocês Antigo e Aceito se atem à rudimentar concepção de um Ente Supremo, Criador providencial e justiceiro, composto de qualidades humanas aperfeiçoadas. Não é exato. A idéia de Deus está em nossas iniciações, como no homem, desde que êle entendeu de compreendê-la. Procurou Deus na Pedra Bruta, nas sensações, nos raciocínios rudimentares e achou a idolatria. O pensamento deveria ser livre e exercitado nas ciências exatas para decifrar Deus na Pedra Cúbica, isto é por meio da ciência. O Rito do Real Arco faz soletrar o nome descoberto; o Neófito distingue as letras, mas é-lhe proibido pronunciar-las, tanto deve ser o receio do êrro, da te-

meridade, do preconceito, para afirmar sua opinião sobre o sentido das letras. O Grau do Real Arco, encontrado em quase todos os Ritos, é sempre consagrado à noção de Deus. (Pausa)

Meus Iir: , esta Loja de Perfeição deve obter de vos o compromisso de empregardes, doravante momentos de vossos lazes ao estudo da doutrina não somente da letra de seus Estatutos, mas, sobretudo, do sentido oculto e elevado de seus ensinamentos. Prometeis-nos?

NEÓFITO — Sim

T V: P: — Algum dos Iir: presentes tem qualquer observação a fazer? (Pausa, Reinando silêncio) — Ir: Orador, qual é vossa opinião?

ORADOR — Nada tenho a opor, T: V: P:.

T V: P: — Ir: 1.º Vig: , qual a condição essencial para ser recebido entre nós?

1.º VIG: — Ser livre e de bons costumes.

T V: P: — Ir: 2.º Vig: , fizemos, algum dia, exceção a essa exigência?

2.º VIG: — Nunca.

T V: P: — Ir: 1.º Vig: , que é um homem livre?

1.º VIG: — Ser homem livre é não ser escravo, nem servo, nem sujeito à gleba, nem servidor assalariado, enfim, que não exerça profissão servil.

T V: P: — E' vergonhoso, então, ser servidor assalariado?

Tôdas as profissões honradas não merecem nosso respeito e nossa estima?

1.º VIG: — Todo trabalho honrado é respeitável, mas uma das regras de nossa Ordem é não admitir em seu seio aquêles que se ocupam em trabalhos servis. Visamos a libertação dos escravizados e, até a conseguirmos, dêles devemos desconfiar tanto quanto daqueles que, pelas necessidades de suas profissões, tenham contraído tendências e hábitos nocivos, porque seriam prejudiciais à nossa tarefa.

T: V: P: — Ir: 2.º Vig: , que é um homem livre?

2.º VIG: — Não é livre aquêles que vende a consciência

T: V: P: — E haverá homens que assim procedam?

2.º VIG: — Sim; aquêles que, estipendiados por outros, defendem opiniões que não são as suas; aquêles que, por orgulho ou interesse, servem aos tiranos aquêles que, para obterem os favores da multidão, lhe fazem mentirosas promessas; os que escrevem obras corruptoras; todos quantos especulam com a ignorância ou com o sofrimento dos fracos.

T: V: P: — Ir: Orador, que é um homem livre?

ORADOR — Um homem não é livre quando vive à mercê dos preconceitos.

T: V: P: — Por que motivo o preconceito impede a liberdade?

ORADOR — O preconceito deturpa a razão; oprime a consciência; faz com que se tome o Bem pelo Mal e o Mal pelo Bem. E' a causa de tôdas

as idolatrias e o germe de todos os despotismos.

T: V: P: — O homem tende a se libertar de todas as servidões, provenham elas da opressão alheia ou de seus próprios vícios. O homem de bem procura a Verdade e a pratica e, assim, necessariamente, é de bons costumes e cumpre, sempre, seu dever.

Ir:. Orador, os Neófitos são livres e de bons costumes?

ORADOR — A garantia disso é a estima que merecem de seus Ilr:.. Os Maçons são, muitas vezes, tolerantes em matéria de trabalho científico, mas são e devem ser inflexíveis em matéria de moralidade. A presença de um indigno é uma mancha sobre a Loja.

T: V: P: — Ir:.. Orador, podemos, então, desde já, considerá-los Perfeitos Maçons?

ORADOR — Têm às qualidades requeridas, mas não o são ainda. Penetrando na Abóbada Sagrada, encontraram as letras sagradas na Pedra Cúbica, mas não souberam ler o nome que elas formam.

T: V: P: — Se não souberam ler a Palavra, para que lhes servirá o mais? **(Pausa)** Ir:.. Mestr:.. de Cer:.. despojai os Neófitos de suas insígnias e revesti-os com o Avental de Aprendiz.

— **(Depois de cumprida a ordem).** —

Meus Ilr:., temos de recomeçar todo nosso trabalho. Libertastes vossa inteligência, perquistastes a Natureza e achastes as regras da ciência, mas só não conseguistes desembaraçar a questão dos numerosos erros que nela se continham. A Verdade não consiste em negações. O Templo a construir deve ser uma afirmação, uma certeza, uma equação entre o conhecimento e a realidade. O princípio de todo conhecimento é DEUS. Na falta de uma idéia precisa sobre a origem e o fim das cousas, não podemos chegar à conclusão da ciência, da moral nem das leis que presidem os nossos destinos. A falta de conclusão, todo trabalho torna-se inútil e todo conhecimento não passa da satisfação de uma curiosidade pueril. **(Pausa)**

PURIFICAÇÃO — SACRIFÍCIO — UNÇÃO

T: V: P: — Meus Ilr:., impõe-me o dever enviar-vos em busca da Verdade. Antes, porém, de nos deixardes, prestareis o juramento de Perfeito Maçon, a-fim-de que vossa honra e vosso interesse no cumprimento das obrigações contraídas sejam vossos guias. Sabeis que nosso Rito conserva velhas usanças, que, às vezes, se afastam dos costumes atuais. Poderão parecer pueris a olhos indiferentes. Sede, porém, indulgentes com elas. Abri vossos corações às impressões simples e benfazejas; pensai no profundo sentido dèsses símbolos ingênuos de que

tantas gerações receberam impressões e ensinamentos. Utilizados tanto nas iniciações filosóficas como nas religiões populares, fazem jús ao respeito, por isso que representam o progresso moral e a honestidade que domina tóda a ciência. (Pausa)

Ir: Sacrificador, conduzi os Neófitos ao Altar dos Sacrifícios.

(Música em surdina. Os Neófitos, chegados a uma mesa (colocada, neste momento, no centro do Templo) sôbre a qual está um machado e uma grande faca, dobram os joelhos e inclinam a cabeça. O Mestr: de Cer: coloca a ponta da faca no peito de um deles e o Ir: Sacrif: levanta o machado, como se fôsse ferir-lhe o pescoço.)

T: V: P: — Ir: Neófitos, sereis capazes de desafiar a cólera e a vingança dos maus de preferência a trair vossos Ir: ?
Sereis capazes de imolar vossas paixões à vossa consciência?

NEÓITO —

T: V: P: — Levantai-vos (Pausa) — Ir: Purificador conduzi os Neófitos ao Altar das abluições para que sejam limpos de tóda fraqueza e de tódas as manchas espirituais.

(Música em surdina. Os Neófitos são levados até junto do vaso de Bronze, em cuja água mergulham as mãos, que o Ir: Pu-

rif: enxuga. Leva-os, em seguida, para junto do vaso dos Perfumes, onde queima incenso; manda os Neófitos estender as mãos sôbre o fumo.)

T: V: P: — Ir: 1.º Vig:, fazei os Neófitos praticarem o último trabalho tradicional.

(Música em surdina. O 1.º Vig: aproxima-se dos Neófitos, toma a trôlha e, depois de mergulhá-la no vaso contendo, segundo a tradição, uma mistura de azeite, vinho, farinha de trigo e leite, diz:)

1.º VIG: — Passando a trôlha na testa dos Neófitos) Que vossos pensamentos sejam corretos. (Passando a trôlha nos lábios) Que vossas palavras sejam úteis. (Passando a trôlha sôbre o coração) Que vossos sentimentos sejam justos.

(O 1.º Vig: volta para seu lugar e o Mestr: de Cer: limpa os pontos tocados.)

COMPROMISSO

T: V: P: — Ir: 1.º Vig:, acreditais que êstes Neófitos nos tragam o concurso de espíritos livres, os prazeres de uma amizade sincera e as Virtudes de Perfeitos Maçons?

1.º VIG: — Assim o esperamos.

T: V: P: — Pois que assim é, prestem êles o solene juramento. Ir: Mestr: de Cer:, con-

duzi os Neófitos ao Oriente. (Pausa até cumprimento da ordem) De pé e à ordem meus Ilr.:
(Pausa)

Ir: Orador, lêde a fórmula do Juramento.

ORADOR — (Lendo) — “Reafirmo meus compromissos anteriores. Guardarei o segredo deste Grau e empregarei tôdas as minhas fôrças para distinguir a Verdade em tudo, pois só ela guiará meus passos. Prometo a meus Ilr.: amizade sincera e devotada. Prometo meu concurso para que cada um adquira e conserve sua liberdade de pensar. Se algum Ir.: proceder mal para comigo, far-lhe-ei, com brandura, sentir o seu erro; se fôr desgraçado, socorro-lo-ei. Que meu pensar se conforme, sempre, com a Verdade Eterna; que minha esperança repouse sôbre a realidade daquilo que é.”

T: V: P: — Meus Ilr.: que cada um de vós, ao ser chamado, estende a mão direita e diga:
EU O JURO!

(O Secretário procede a chamada. Terminado o compromisso (!))

T: V: P: — O laço que liga os Maçons não é, apenas, o de uma amizade dedicada; reside, também, na identidade de suas aspirações. Jurastes defender-nos dos ataques à nossa liberdade de pensar e deveis-nos, também, vosso concurso à nossa tarefa. Ide agora e aproveital aquilo que os homens descobriram sem

vosso concurso, mas, acrescentai-lhe o produto de vossos esforços. Ir.: Mestr.: de Cer.:, acompanhai os Neófitos e fazei com que cumpram o dever. (!) — Sentemo-nos, meus Ilr.:.

(O Mestr.: de Cer.: leva os Neófitos para fora do Templo.)

O D E L T A

(Fora do Templo, o Mestr.: de Cer.: reveste um dos Neófitos com a fita de Mestre e prende-lhe ao peito um triângulo de ouro, tendo, no centro, a palavra JEHOVAH. Passa-lhe, pela cintura, em duas voltas, um cordão verde cujas pontas, subindo pelos ombros ficam pendentes nas costas. Em Loja, o T.: V.: P.: lembra aos Ilr.: que, à entrada dos Neófitos, devem fazer o Sinal de Admiração, cuja origem é, justamente, este ponto da iniciação. Preparados os Neófitos são levados à porta do Templo, onde batem como Grande Escocês.)

G.: DO T: — T.: V.: P.:, um Grande Escocês anuncia sua presença à porta do Templo.

T.: V.: P.: — Franqueai-lhe o ingresso, meu Ir.:.

(O Mestr.: de Cer.: entra, acompanhado dos Neófitos. O que foi escolhido pronuncia a palavra — **EL-HANAM!** que é repetida pelos outros; todos vão até o meio do Tem-

plo. Os presentes, de pé, fazem o Sinal de Admiração, depois do que o Neófito diz:)

NEÓFITO — T: V: P: , vós me incumbistes de ir em busca da Verdade. Procurei-a sincera e constantemente. Entre os homens só encontrei um nome que eles contemplam pavidos.

T: V: P: — Essa palavra representa para eles o temeroso desconhecido. Sobre o coração do Maçon é o símbolo da razão serena e perseverante. Vistes essa palavra sob o nono Arco, centro da Luz, verdade intangível, para a qual tendem tôdas as nossas aspirações. Vinde.

(O Neófito escolhido avança sozinho, O T: V: P: dirige-se, por sua vez, para ele. Ao encontrarem-se.

T: V: P: . — Interrogastes as crenças humanas de que o Delta é o símbolo mais elevado. Tôdas têm início em um sentimento bom e justo: tôdas têm conduzido ao esgotamento da razão. (Pausa) Desembaçai-vos, agora, dêsse signo da escravidão, que vos cinge a cintura, como deveis vos libertar de todos os preconceitos que tolham a expansão de vossos sentimentos maçônicos. (Pausa até receber o cordão)

(Arremessando o cordão para longe) — Livre e leal Maçon, escutai, agora. (Mostrando-lhe o Trono) — Este Altar, bem o sabeis, representa para nós a Pedra Cúbica, a ciência.

Era para os antigos a Trípole Sagrada. Para nós, é o lugar de onde se discorre para os Irmãos sobre a Verdade e o Dever. Ide solidificar suas bases, nelas depositando o símbolo da mais alta concepção humana.

(O Neófito vai colocar o Delta sobre o primeiro degrau do Trono e volta. O T: V: P: reveste-o, então, com a Fita e o Avental.)

T: V: P: — Entrego-vos estas insignias, que são o penhor de vossa fidelidade. Como Perfeito Maçon, sejais a honra e a luz da Maçonaria.

(O T: V: P: volta para o Trono, enquanto o Mestr: de Cer: coloca a Fita e o Avental nos outros Neófitos.)

T: V: P: — Meu Irmão, qual foi o nome que vistes na Pedra Cúbica?

(O Neófito conserva-se em silêncio.)

— Irmão, Orador, que nome lestes na Pedra Cúbica?

(O Orador conserva-se calado.)

— Irmão, 2.º Vig: , que nome lestes na Pedra Cúbica?

(O 2.º Vig: guarda silêncio.)

— Ninguém, pois, sabe ler o nome? Quem porá termo a nossa angústia? Quem nos dirá qua-

o Deus que buscamos? Estaremos, pois, eternamente condenados ao inexprimível tormento do Nada?

1.º VIG: — (Em voz forte) — Sim.

T: V: P: — Que é, então, êsse espaço, êsse firmamento, que, por todos os lados, nos envolve?

1.º VIG: — O Infinito

T: V: P: — Que é êsse movimento perpétuo, a que chamamos tempo? Onde começa? Onde finda?

1.º VIG: — E' Infinito.

T: V: P: — Qual o menor dos organismos? Qual o maior? A vida é imperceptível para os nossos olhos em tudo que é demasiadamente grande. Onde o limite da vida?

1.º VIG: — E' o Infinito

T: V: P: — O Infinito, sempre, o Infinito! O espaço, o tempo, a vida são inconcebíveis e toda idéia de limite é absurda, porque, sempre, fica de pé a pergunta. "Que haverá além dêsse limite?" Além de nossos olhos, nossa razão, nossa imaginação perquirem e indagam e nunca encontram um fim. Aquém, em nosso fóro íntimo, buscamos compreender nosso próprio movimento cerebral. Experimentamos, então, uma terrível angústia, que acabaria por nos destruir a razão, se insistíssemos. Se pudéssemos, ao menos, compreender! Nada porém! A propósito de todo raciocínio de toda concepção, as ideias que engendramos vão se esbarrar com o incompreendido, com o incognoscível! E toda a ciência

nada mais é que uma lamentação por nossa ignorância! (Pausa)

Ir: Orador, já que descobrimos, na Pedra Cúbica, quais as letras que compõem o nome de Deus, digei-me quais são essas letras.

ORADOR — T: V: P: , já as declinastes. São o espaço infinito, o tempo infinito e a vida íntima, em suas diversas manifestações; a inteligência infinita, em seu desenvolvimento; o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, em que esbarramos em toda a série de fatos ou de ideias.

T: V: P: — São essas, de fato, as letras que não sabemos ajustar umas às outras e das quais nada podemos dizer para não cairmos na idolatria. Idólatras, são os profetas que tentam persuadir o povo de que eles têm comércio com Deus. Idólatras, são os sonhadores que criam Deus de acordo com os erros e fantasias da imaginação. Idólatras, são os filósofos que, sem conhecimento do que é e do que não é matéria, jogam essa partida de xadrez entre o espiritualismo e o materialismo, em que, desde os primórdios da Humanidade, vence ora uma, ora outra opinião, recomeçando, logo a seguir, a partida. Idólatras, são as gentes simples que prestam homenagem a Deus, chamando-o de Bom, Justo, Poderoso, que tudo vê e tudo ouve, afeiçoando-o à sua imagem com as Virtudes, mas, também, com todos os vícios humanos.

Idólatras, são os insensatos que se constituem Deus por si mesmos, afirmando que não existe outro. Estes dizem: "Deus não existe", quando o desconhecido e o incognoscível os domina, os envolve e aniquila. Procedem dessa maneira como quem, encerrado em uma câmara escura e desconhecida, declara que nela nada existe. (Pausa)

Não acrediteis, meus Irmãos, que, exprimindo-me por esta forma, esteja vos expondo a doutrina maçônica. Não. É um modo de pensar que procede de concepções, talvez, de preconceitos, ídolos que o futuro se encarregará de destruir. A doutrina maçônica é a que vou expor.

Debaixo da Pedra Cúbica, na Natureza e por meio da ciência, encontrastes os elementos do conhecimento de Deus. Não soubestes ler a palavra que vos haviam afirmado lerdes, quando Perfeito Maçon. A idéia maçônica é que cada um a leia por si próprio, sem auxílio alheio, de acôrdo com a própria razão. Lereis CRIADOR — PROVIDÊNCIA — JEHOVAH — NATUREZA. Que vossa leitura seja, porém, atenta e refletida. Empregai as letras, encontradas sob a Abóbada Sagrada, sem negligenciar nem uma das realidades que a ciência vos revelou. (Pausa)

Irmão. Orador, adotais algum dos nomes, que enunciei, como explicando a idéia de Deus?

ORADOR: — Ouvi sons, palavras, que só exprimem ideias humanas, ou, antes, uma idéia única sempre a mesma: IGNORO!

T: V: P: — Irmão 1.º Vigilante admite a Maçonaria um desses nomes como expressão de sua doutrina?

1.º VIG: — Não

T: V: P: — Qual e pois, Irmão 2.º Vigilante a doutrina maçônica?

2.º VIG: — Deus existe.

T: V: P: — Ela afirma a existência de Deus?

2.º VIG: — Afirma

T: V: P: — Que mais diz?

2.º VIG: — Nada.

T: V: P: — Irmão 1.º Vigilante essa falta de qualquer explicação posterior não pode conduzir ao desespero?

1.º VIG: — De fato, pode.

T: V: P: — E esse desespero não é um horrível sofrimento?

1.º VIG: — É.

T: V: P: — E não existe, para esses desespero, um remédio?

1.º VIG: — O sofrimento em comum, procurar a paz espiritual no trabalho e achar a serenidade no amor do Bem e na amizade daqueles a quem amamos.

T: V: P: — É esse o derradeiro traço do Perfeito Maçon. Não seria possível, de fato, que fôsse a razão humana uma dor eterna. A necessidade de compreender levar-nos-ia ao de-

sempêro do nada, se não fôsse a necessidade que temos de esperar e de amar. Um sentimento invencível impõe-nos a confiança; uma atração irresistível liga-nos ao universo, a todos os seres, ao Infinito impenetrável. É essa a libertação do pesadêlo que nos oprime. É a Luz nas trevas de nosso cérebro. O Perfeito Maçon procurará decifrar tôdas as realidades, mas a Chave de Marfim, que lhe foi confiada, abrir-lhe-á a Abóbada da Fraternidade; suste-lo-á em seus desfalecimentos e o Amor retemperara sua coragem e sua confiança. (Pausa)

INVESTIDURA

T: V: P:. — **V:** — Meus Iir:., pertenceis, doravante a um grupo íntimo da grande Família maçônica. Não temos pretensão de ser melhores que os outros e nosso Amor Fraternal sôbre todos se estende. Chegados, porém, ao derradeiro Grau da Maçonaria primitiva, consideramo-nos duplamente obrigados a velar pela conservação de nossas instituições, fazê-las compreendidas pelos jovens maçons, a-fim-de que produzam os esperados frutos. Jurastes ser fiéis a essas obrigações. Creio que, para um homem de bem, não se poderia imaginar compromisso mais inviolável que o juramento livremente prestado, em matéria puramente moral. Não o esqueçais, nunca, quando de vós fôr exigido qualquer sacrifício em bem de uma obra moral.

que a única sanção dos vossos compromissos foi a vossa honra. (Pausa)

Iir:. 1.º e 2.º **VVig:.**, juntai-vos a mim para procedermos a investidura do Grau (!) — De pé e à ordem, meus Iir:..

(Os **VVig:.** e o **T:.** **V:.** **P:.** estendem as espadas em direção nos Neófitos.)

T:. **V:.** **P:.** — EM NOME DO SUPREMO CONSELHO DO GRAU 33.º DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO PELOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL E EM VIRTUDE DOS PODERES QUE ME FORAM CONFERIDOS POR ESTA LOJA DE PERFEIÇÃO. EU VOS CONSTITUO GRANDES ELEITOS, PERFEITOS E SUBLIMES MAÇONS. INVISTO-VOS DOS PRIVILÉGIOS INERENTES A ÊSTE GRAU, CONFORME OS ESTATUTOS DA ORDEM. (Pausa).

Iir:. 1.º Vigilante, procedei a leitura do juramento pelo qual, por nossa vez, nos ligamos a êstes Iir:..

1.º **VIG:.** — (Lendo) — “Juramos ser fiéis uns aos outros, socorrendo-nos em todos os infortúnios, concorrendo para que cada um de nós adquira a plena liberdade de pensar, a retidão de juízo e de sentimentos, a probidade em suas relações, a honradez em todos os atos de sua vida, enfim, a perfeição Maçônica.”

(Todos estendem o braço direito para frente e dizem: "EU O JURO")

T: V: P:. — Meus Ilr:., de conformidade com os nossos antigos costumes, ao consagrar vossa adoção, entrego-vos êste anel, que deveis, sempre, trazer no dedo, durante vossa vida; ao partirdes para o Or: Eterno, deve êle passar a vossa companheira, ao vosso filho ou ao vosso melhor amigo. Vossos anéis vão receber o cunho do Grau, para testemunho de vossa qualidade de Perfeito Maçon e lembrança eterna de vossos compromissos.

Ilr: Guarda do Sêlo, cumpri vosso dever.
(Pausa) — Perfeitos e Sublimes Maçons, formai a Cadeia de União, em torno de vossos novos Ilr:.

(O **T: V: P:.** — desce do Trono e fica junto aos Neófitos, dentro da Cadeia de União. Cada Neófito entrega o anel ao **G: do S:.**; êste apõe aos anéis a letra **G:.** O **T: V: P:.** coloca o anel em cada Neófito, dizendo:)

T: V: P:. — Ide tomar lugar na Cadeia de União de vossos Ilr:.

(Depois de todos receberem o anel, dissolve-se a Cadeia de União e todos vão para seus lugares.)

T: V: P:. — Sentemo-nos, meus Ilr: . (Pausa)

— Tem a palavra o Ir: Orador para dar aos Neófitos conhecimento da Lenda do Grau.

ORADOR — (Lendo) — Diz a nossa Lenda que, desde a epoca em que Jubulum, Joabert e Stokin, por concessão divina, acharam o Santo Nome gravado no nono Arco, debaixo da pedra em que Enoch o escondera, sob o santuário do Templo, que êle erguera no Monte Hacedema, perto do Monte Sião e ao sul do Vale de Josaphat, e levaram essa notícia a Salomão, êste, em recompensa, criou, para êles, o Grau de Grande Eleito e Perfeito Maçon. Desde essa epoca, só candidatos dignos foram admitidos neste Grau. Depois da dedicação do Templo, vários dentre êles dispersaram-se pelo mundo. Os maçons de graus inferiores multiplicaram-se rapidamente, devido a menor seleção entre os que se candidatavam a conhecer a Arte Real. A falta de circunspeção dêsses Ilr: dos primeiros graus chegou a ponto de vários profanos conhecerem os sinais, toques e palavras, que só dos Maçons deveriam ser conhecidos. A Maçonaria começou a degenerar; multiplicaram-se as recepções; nem um interstício foi observado entre os graus; pessoas houve que receberam os três graus simbólicos de uma só vez. Os prazeres e as diversões tomaram o lugar da instrução; apareceram inovações; uma nova

...destruiu a antiga, que, jamais, deveria
abandonada Houve disputas e dissensões.
Seus Perfeitos Maçons escaparam a esse con-
... Guardas fiéis da Palavra Sagrada, que
foi guardada sob a Abóbada, debaixo do Sanc-
tus Sanctorum começou a reinar, entre êles,
a união fraternal, união jurada e de que
foi o selo aquela Palavra. Quando Salomão in-
vestiu os primeiros Maçons nesse grau, esco-
lhendo os mais virtuosos, fê-los prometer-lhe
solenemente que, entre êles, reinaria, sem-
pre a paz a união e a concórdia; que pratica-
riam obras de Caridade e de Beneficência; que
tomariam para base de suas ações a Sabedoria,
a Justiça e a Equidade; que guardariam o maior
silêncio sobre seus mistérios e que só os re-
velariam a Irmão que, pelo zelo, fervor e cons-
tância, fossem dignos de conhecê-los; que se
auxiliariam, mutuamente, em suas necessida-
des punindo severamente, qualquer traicao,
perfidia e injustiça. Deu, então, um anel de
ouro como prova da aliança que acabavam de
contrair com a Virtude e para com os virtuosos.
Quando Jerusalém foi tomada e destruída por
Nabucodonosor General de Nabucodonosor rei de
Babilônia os Grandes Eleitos foram os últimos
defensores do Templo. Penetraram na Abóbada
Sagrada e destruíram a Palavra misteriosa, que
nela se conservára por 470 anos, 6 meses e 10
dias desde a dedicação do Templo. A Pedra
Cubica foi quebrada, derrubado o pedestal, tudo

foi enterrado em um buraco com 27 pes de
profundidade, por êles cavado Retiraram-se,
depois, decididos a só confiar à memória o gran-
de Nome e a só transmiti-lo à posteridade por
meio da tradição. Daí vem o costume de o so-
letrar letra por letra, sem pronunciar uma úni-
ca sílaba Por essa circunstância perdeu-se o
habito de escrevê-lo e de pronuncia-lo Ha in-
certeza das letras que o compoe A verdadeira
pronuncia só foi conhecida por Perfeitos e Su-
blimes Maçons

T: V: P: — Se essa ingênua narrativa surpre-
endeu e encantou os Grandes Eleitos, que pela
primeira vez a escutaram, esperamos que os
Irmãos pensem sobre ela em seus momentos de
lazer e busquem compreender a filosofia do
Grau que acabam de receber, em cada um dos
tracos da Lenda (Pausa) Ir: Orador dese-
ja continuar com a palavra?

(O Orador, se desejar, faz rápida alocução
sobre o ato. Reinando silêncio:)

T: V: P: — Ir: 1.º Vigilante dá aos Neófitos
as instruções do Grau

(O 1.º Vig: , aproximando-se dos Neófitos,
dá-lhes as precisas instruções, findas as
quais volta para seu lugar. E' concedida a
palavra a um dos Neófitos para agradecer.)

ENCERRAMENTO

T: V: P: — Meus Irmãos, vou proceder ao encerramento dos trabalhos. Antes porém, se houver quem deseje fazer alguma consideração, a palavra ser-lhe-á concedida.

(Reinando silêncio.)

T: V: P: — Irmão Hospitaleiro, fazei circular o Tronco de Solidariedade e das obras maçônicas.

(Terminada a coleta e conferida pelo Orador.)

T: V: P: — Irmão 1.º Vigilante, de onde vieste?

1.º VIG: — Da Índia, do Egito, da Babilônia, de Jerusalem de Alexandria; enfim, de toda parte onde o homem se entregou à meditação.

T: V: P: — Que motivos vos induziram a fazer essas viagens?

1.º VIG: — O desejo de saber.

T: V: P: — Irmão 2.º Vigilante, onde tendes trabalhado?

2.º VIG: — Sob a Abóbada Secreta, nos alicérges do Templo.

T: V: P: — Que achastes nesse lugar?

2.º VIG: — A Palavra incrustada em um pedestal e coberta por uma pedra de ágata em forma quadrangular.

T: V: P: — Que palavra é essa?

2.º VIG: — Ninguém conseguiu, jamais, decifrá-la.

T: V: P: — Irmão 1.º Vigilante, como fostes introduzido aqui?

1.º VIG: — Por 3 — 5 — 7 — 9, a ponta de um ferro sobre o coração e a lâmina de um machado sobre o pescôço.

T: V: P: — Que fizeram convosco?

1.º VIG: — Depois de me purificarem, mandaram-me embora, dizendo-me: "PROCURAI".

T: V: P: — E que encontrastes?

1.º VIG: — A arte de aperfeiçoar aquilo que é imperfeito.

T: V: P: — E onde encontrastes esta arte?

1.º VIG: — No Delta, prêso ao colar de Mestre.

T: V: P:. — E como vós utilizastes dêle?

1.º VIG: — Depois de me desembaraçarem do laço dos preconceitos e dos vícios, que escravizavam minha razão, deposei o Delta nos alicerces do ensinamento maçônico. Deram-me, então, o pe-nhor de minha aliança. (Mostra o anel).

T: V: P: — Ir: 2.º Vigilante, que significa as 24 Luzes inestinguíveis, que nos iluminam?

2.º VIG: — Que produzirão a ciência todo o tempo em que durarem. E elas brilharão todo o tempo que as alimentarmos

T V P: — Por que motivo esta Abobada é denominada Secreta, na abertura dos trabalhos, e Sagrada no encerramento?

3.º VIG: Por causa do depósito que recebeu.

T V P: — Que idade tendes?

4.º VIG: O quadrado de nove.

T V P: Ir: 1.º Vigilante, que horas são?

1.º VIG: Meia noite

T V P: — () — De pé e à ordem, meus Iir:..
(Pausa).

A mim meus Iir:.. pelo Jurante (se); pela Admiração e pelo Silêncio. (Todos fazem os sinais). Estão encerrados os nossos trabalhos. Retiremo-nos em paz, sob promessa de sigilo.

COBRIDOR DOS GGR: INTERMEDIARIOS

GR: 10

Ilustre Eleito dos Quinze

S: — Fazer menção de levar um punh: á altura do mento, fazê-lo descer ao longo do corpo, como querendo abrir o ventre.

Resposta — Fazer o sinal de Apr:.. com os dedos fechados e o polegar levantado.

Toque — Entrelaçar reciprocamente os dedos da mão direita.

P: P: — MAHELEH

P: S: — LABREZ — Resposta : RACAHNEB.

IDADE — XV a

Marcha -- XV passos em triângulo.

Bateria — 00000

GR: 11

Sublime Cavaleiro Eleito dos Doze

S: — Cruzar os braços sobre o peito, tendo os dedos fechados e os ppol:.. levantados.

Toque: 1.º — Apresentar mutuamente o pol:.. da m: dir:.. tendo os outros dedos fechados. Tomar o pol:.. e voltar o punho três vês

dizendo alternativamente: HTIREB, REDEN, HTOMELEHCS.

2.º — Tomar a m.: dir.: do Cobridor e ferir três Vêzes com o pol.: sôbre a 1a. falange do dedo médio.

P: P: — NIKLOTS.

P: S: — IANODA.

Idade — 27 a.

Bateria — 000000000000

GR.: 12

Grão Mestre Arquiteto

S: — Pôr a m.: dir.: sôbre a esqu.:, como si esta fosse uma prancheta e aquela tivesse um lapis; fazer o movimento de traçar um plano, olhando por intervalos para o Grão — Mestre, que se julga indicar o objéto.

Toque — Entrelaçar os ded.: dir.: com os da esqu.: do Cobridor, e cada um levar a m.: livre ao quadril.

P: P: — BAR — NIANAB (significa arquiteto)

P: S: — IANODA.

Idade — 45 a.

Bateria — 0 00 000 000 0

GR.: 13

Real Arco

S: — De admiração: levantar as mm.: ao céu, com a cabeça inclinada para a esqu.: e um joelho em terra.

De adoração (não usado): ajoelhar

Toque — Levar as mm.: por baixo dos braços do Cobridor como para ajudar a se levantar, dizendo Toub bangani ngamal abal O Cobridor faz, em resposta o mesmo toque e diz: Jabulum

P: P: — —

P: P: — HAVOHEJ

Idade — —

Bateria — 00 000

Gr: 14

Perfeito e Sublime Maçon

SS — 1.º De Ordem (fogo): Levar a m.: dir.: aberta com a palma para fóra, e pegar no cot.: com a m.: esqu.

2.º De Juramento. Levar a m.: para o lado esqu.: retirar-la rápida e horizontalmente para a dir.

3.º De Admiração e Silêncio: Levantar as duas mm.: abertas para o céu tendo a cabeça inclinada os olhos levantados, levar depois os dois primeiros dde da m.: dir.: aos lábios

Toques: 1.º Tomar-se mutuamente a m.: e voltar três vêzes, um dizendo HTIREB; outro REDEN, o primeiro HTOMELEHCS

2.º — Tomar-se mutuamente a m.: dir.: como no 3.º Gr.: dizendo: "Ides mais longe?" Resposta: avançar a m.: ao longo do ante-braco — ao cotov.: colocar mutuamente a

m esqu.: sôbre o hombro dir.: , balança
o corp.: três vês, tendo as pernas adianta-
das umas das outras pela dir:..

3.º — Tomar reciprocamente a m.: dir.: e
com a esqu.: sôbre o hombro direito, recipro-
camente, como para se atrairem.

PP PP: — 1a. HTELOBBIHCS

2a. LE NANAAH Gr: P.: P.: : AEB HEHGAM

PP: Cobertas: 1a. — MULUBAJ

2a. — MACHOBIM

3a. — IANODA

P: S: — HAVOHEJ

Idade: — Sete vês sete anos

Bateria — 000 00000 0000000 000000000

Anel; em forma de aliança com a inscrição: VIR-
TUS JUNXIT MORS NON SEPARABIT

Marcha: nove passos, oito rápidos e um lento.

JOIA: Um compasso com uma côroa de pontas,

JOIA: aberto sôbre um quarto de circulo, em
que estão gravados os números: 3, 5, 7, 9.

Na abertura do compasso há uma medalha
com um sol; do outro lado da medalha há
uma estrêla flamigera com a letra G no
meio.